

DAVID LORBER ROLNIK

(Chełm, Polônia, 1920; S. Paulo, Brasil, 2008)



David Lorber Rolnik, 2008.
Fotógrafo não identificado.
Acervo: Lorber Rolnik/SP; Arqshoah-Leer/USP.

As catorze vidas de meu pai

Meu nome é Blima Rajzla Lorber. Escrevo aqui na condição de filha de David Lorber Rolnik, que viveu a história e foi testemunha real dos acontecimentos que abalaram a Polônia na década de 1930. Judeu e polonês, meu pai viu e sentiu o antissemitismo crescente naquele país após a morte do marechal Pilsudski, em 1935, bem como as atrocidades cometidas pelos nazistas ao invadirem a Polônia, ao ser deflagrada a Segunda Guerra Mundial.

Seu testemunho, publicado no livro *As catorze vidas de David – o menino que tinha nome de rei*, por mim e por meu irmão Szyja Lorber, tem a missão de mostrar como pessoas simples foram tiradas de seus afazeres, arrancadas de suas casas, maltratadas, aterrorizadas e executadas por seguirem princípios religiosos, posições políticas e partidárias diversos; por não se enquadrarem nos padrões de uma “pseudorraça pura” ou não se submeterem a fanatismos e tiranias. Enfim, por lutarem pela liberdade de opinião e pensamento, e pelo respeito à diversidade.

Da infância à juventude em Chelm – Polônia



Chelm, na província de Lublin (Polônia), terra natal de David Lorber Rolnik.
Google Maps.

David Lorber Rolnik

A história de David começa na pequena Chełm, na Polônia, onde nasceu em 4 de março de 1920. Era o segundo filho de uma família de seis irmãos: quatro homens –Abraham, ele (David), Jacob-Israel e Manis; e duas meninas – Hanna e Dvoira. O pai chamava-se Szyja Rolnik e a mãe Rajzla, com o sobrenome Lorber de solteira.

Foram 44 anos para que Dudy, seu apelido de infância, retornasse, em 1990, à cidade natal e revivesse, comovido, as lembranças da família, dos amigos e dos acontecimentos dolorosos que deixaram cicatrizes no seu corpo e na alma.

Ele desafiou por 14 vezes a morte e ousou sobreviver. A determinação sempre fora uma virtude sua, por vezes confundida com teimosia. Graças a ela, permaneceu vivo no período da guerra e em todas as suas consequências. Manteve, durante toda a sua existência, acesa a paixão pela vida, mesmo nas horas mais difíceis.



Praça do Mercado de Chełm, na Polônia, c. 1900.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Lorber Rolnik/SP; Arqshoah-Leer/USP.

A infância e parte da juventude de David transcorreram em Chełm. Aos 3 anos estudou num *Cheder**, uma escola religiosa onde as crianças pequenas aprendem as primeiras letras do iídiche e do hebraico. Aos 7 anos, passou para a escola de ensinamentos mais elevados. Em 1929, com a crise, precisou ajudar em casa e ia cortar lenha para que a mãe vendesse. Dos 11 aos 14 anos, estudou na *yeshivá** local e entrou para a organização religiosa Hashomer



Sobrado em Chełm, na Polônia, onde David nasceu e cresceu.

Fotografia: Blima Lorber.

Acervo: Lorber Rolnik/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Adati. Ali, conheceu a delicada e meiga jovem Malka. Aos 14 anos foi para Macejów aperfeiçoar os estudos religiosos, mas questionou a tendência religiosa da escola e foi mandado embora. Aos 16 anos, integrou a entidade juvenil Jugend Bund Zukunft, do partido político judaico socialista *Bund*



A – Pinchas (Pinie) Rolnik, tio de David, com os atores da peça *Tzum Toire*. Wlodawa, Polônia, s. d.

Fotografia: A. Kirman.^A

Acervo: Lorber Rolnik/SP; Arqshoah-Leer/USP.

A- Pinchas Rolnik, tio de David, residia em Wlodawa, que fica cerca de 40 quilômetros de Chełm, onde dirigia o grupo teatral Studium Dramatycznie – da organização Tarbut. Na fotografia A, um grupo de atores que participou da peça *Tzum Toire*, apresentada duas vezes na cidade: em 2 e 9 de fevereiro de 1935. O grupo teatral era muito ativo e conhecido na cidade e nas redondezas onde se apresentava. O fotógrafo A. Kirman registrava as apresentações. Na fotografia B, pode-se ler (no canto superior esquerdo) a expressão *Kiddush Hashima* em hebraico e que significa martírio ou sacrifício pela fé mosaica. No canto inferior esquerdo, em iídiche, o nome do fotógrafo – A. Kirman. Pinchas sobreviveu e continuou atuando em peças teatrais no campo de refugiados de Berlim e depois em Israel, para onde imigrou.



B – Grupo teatral Studium Dramatyczne – Tarbut da cidade de Włodawa, durante uma apresentação, com Pinchas (Pinie) Rolnik. Possivelmente em Włodawa, na Polônia, c. 1934/1935.

Fotografia: A. Kirman.

Acervo: Lorber Rolnik/SP; Arqshoah-Leer/USP.

– União Geral Operária Judaica da Lituânia, Polônia e Rússia – que lutava na defesa dos judeus.

Quando Hitler subiu ao poder, David já sabia da existência do partido nazista alemão. Em agosto de 1939, a Alemanha e a Rússia assinaram o Pacto Molotov-Ribbentrop, dividindo o território polonês entre eles. Na sequência, a Polônia foi invadida. A família de David estava em casa no dia 1º de setembro de 1939, quando tudo começou. “Ninguém esperava que a guerra fosse durar cinco anos... Ninguém jamais poderia imaginar que haveria uma matança como a que os alemães fizeram... Ninguém acreditava que seria o Holocausto”, recordou David.^A

Cientes de que seriam os primeiros a ser aprisionados pelos nazistas, muitos homens seguiram com os russos rumo à fronteira, para atravessar o Rio Bug, enquanto os alemães entravam na cidade, começando um verdadeiro inferno com roubos, torturas e assassinatos.

A- Quando a Alemanha invadiu e ocupou a Polônia, dando início à Segunda Guerra Mundial, viviam em Chełm quase 19 mil judeus de uma população total de 30 mil habitantes. A cidade foi bombardeada pelos alemães em 7 de setembro de 1939, na celebração do *Rosh Hashaná**, o ano novo judaico, e, alguns dias depois, em *Yom Kipur*, foi tomada sem qualquer resistência. Em seguida, retiraram-se. Da Rússia veio, então, o Exército Vermelho que ficou por duas semanas, quando foi verificado um erro, pois o pacto previa a ocupação russa até o Rio Bug, e o Exército saiu.



Parte da família de David Lorber Rolnik [da esquerda para direita: Dvoira ou Hanna (irmãs); Rajzla (mãe) David; e Ester Oksman (futura cunhada). Crianças: Jakob-Israel e Manis (irmãos)]. Chełm, Polônia, c. 1936.

Fotógrafo não identificado.

Acervo: Lorber Rolnik/SP; Arqshoah-Leer/USP.

David tinha 19 anos e também fugiu. Foi assaltado e recebeu tiros de raspão, mas conseguiu cruzar o rio. Dali foi para Luboml, na Ucrânia, onde perambulou até encontrar uma padaria e se ofereceu para cortar lenha e ganhar um pão. Trabalhou por quase dois meses para matar a fome. Com o inverno próximo, desesperou-se, pois tinha apenas a roupa do corpo. Arranjou abrigo e dormia no chão com outros 14 homens. Sem higiene, os piolhos se disseminaram com rapidez. Com condições de vida tão difíceis, esforçou-se para continuar vivo. Não se esquecia, no entanto, da família...

A Marcha da Morte

Decidiu retornar a Chełm para levar a família para a Ucrânia. Ao chegar, viu o tratamento que os alemães davam aos judeus: tiravam tudo o que podiam, arrancavam as barbas e



Moisés Lorber, tio de David. Chełm,
Polônia, década de 1920.
Fotógrafo não identificado.
Acervo: Lorber Rolnik/SP; Arqshoah-
Leer/USP.

ridicularizavam os religiosos. A Grande Sinagoga foi queimada e o cemitério judaico destruído, as lápides arrancadas e usadas para pavimentar ruas, e até as árvores seculares do campo-santo foram derrubadas. A Nova Sinagoga foi desrespeitada e usada como um depósito de grãos.

Pela primeira vez na vida, David apanhou do seu tio Moisés Lorber, que lhe perguntou o motivo de ele ter voltado. O tio fora torturado pela *Gestapo*. Era assim: sempre que os alemães ocupavam uma cidade, pegavam 20 pessoas, as mais conhecidas e de posses, como reféns, como aconteceu ao tio.

Dudy não conseguiu levar a família para a Ucrânia. Em Chełm, como nas outras cidades ocupadas, os alemães formaram um *Judenrat*, um conselho de judeus, e ordenaram o recrutamento dos homens entre 12 e 60 anos, sob a falsa promessa de trabalho. Eles deveriam se apresentar na praça principal. Alguns decidiram não ir; outros se esconderam; vários acharam melhor fugir; muitos se apresentaram, como David que não quis abandonar a família.

Os homens eram chamados pelos nomes, revistados e seus pertences confiscados. Quem não os entregasse era espancado e sofria xingamentos pelo fato de ser judeu. Antes de a marcha forçada começar, humilharam os religiosos, obrigando-os a limpar a rua do mercado com as mãos e também as botas sujas de lama dos soldados. Vários apanharam e alguns foram mortos ali mesmo, na frente da multidão.

Em 1º de dezembro de 1939, a fatídica marcha começou. Os homens, alinhados em quatro filas, primeiro andaram e depois correrem. Quem se recusasse, levava uma pancada e um tiro certo. Assim, teve início a brutal Marcha da Morte^A de Chełm em direção a Hrubieszów, a 50 quilômetros, e depois rumo à fronteira com a Ucrânia, para a cidade de Sokal.

Não se podia falar, olhar para trás ou para ao lado. A violação das ordens culminava em execução. Os homens seguiram por caminhos cheios de lama até chegarem a um bosque, onde 20 rapazes tiveram que cavar uma cova, enquanto outros homens foram obrigados a enterrá-los vivos.

A Marcha passou por vários vilarejos, sempre sob a mira das armas dos alemães. Quem não conseguisse correr, era retirado e se ouviam tiros. Era muito difícil caminhar e correr no barro, mas, atrás deles, vinha um veículo com uma metralhadora. Também nas laterais havia alemães em motocicletas, incitando a marcha e atirando em quem tentasse fugir. Mais de 600 homens morreram nesse trecho.

Era noite alta quando chegaram a Hrubieszów. Ficaram numa cocheira, machucados, com fome, sedentos e desesperados, sem saber o destino que os aguardava. Na

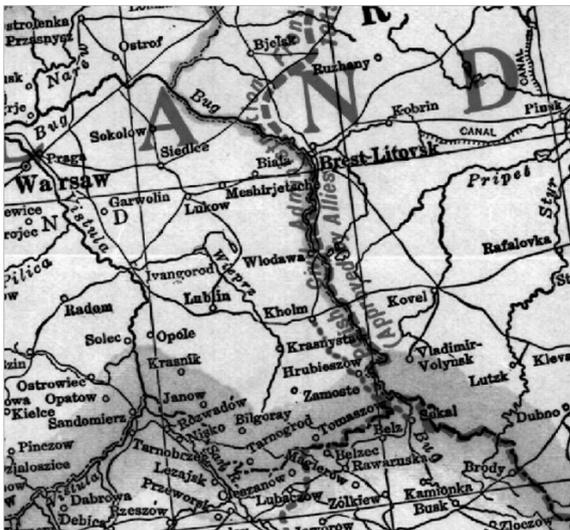
A- Marcha da Morte – Em muitas cidades ocupadas pelos nazistas no início da guerra, eram realizadas as *Todesmärsche* (Marchas da Morte em alemão), destinadas, principalmente, ao extermínio dos homens que eram convocados por um *Judenrat*, sob a alegação de que iriam trabalhar quando, na verdade, eram levados para morrer. A Marcha da Morte de Chełm teve início em 1º de setembro de 1939, com cerca de 1.800 homens, dos quais apenas 200 sobreviveram. Uma publicação de 22 de janeiro de 1940, em Genebra, pela Jewish Telegraph Agency (JTA) relata a Marcha da Morte de Chełm, na Polônia. A divulgação do texto naquela época mostra que o mundo sabia o que estava ocorrendo, mas cruzou os braços diante da barbárie. Foram milhões de mortes antes que alguma ação fosse tomada para combater a loucura assassina da Alemanha nazista. As Marchas da Morte foram retomadas no final da guerra, entre 1944 e 1945, quando os nazistas, em sua derrocada, levavam os prisioneiros judeus e não judeus (homens, mulheres, crianças, soldados estrangeiros e civis de diversos países) para fazê-los sofrer ainda mais nos campos de concentração e de trabalhos forçados no interior da Alemanha. A publicação da JTA sobre a Marcha de Morte de Chełm está disponível em: <<http://www.jta.org/1940/01/22/archive/1900-jews-slain-by-nazis-in-4-day-march-to-soviet-border-revolt-is-d-n-b-version>>. Acesso em: 28 jul. 2017.



A ocupação alemã em Chełm, na Polônia, 1939.

Disponível em: <http://yadvashem.org/yv/en/exhibitions/valley/chelm/german_occupation.asp>. Acesso em: 30 jul. 2017.

manhã seguinte, os judeus dessa cidade também foram reunidos na praça e os SS repetiram seus atos. E a marcha forçada recomeçou...



Rota da Marcha da Morte desde a cidade de Chełm até a fronteira com a Ucrânia, que durou de 1º a 4 de dezembro de 1939.

Disponível em: <<http://www.usp.br/agen/wp-content/uploads/11-Mapa-Rota-Marcha-da-Morte.jpg>>. Acesso em: 30 jul. 2017.

Em determinado momento, houve a separação em dois grupos: um seguiu para Sokal e o outro para Belz. David ficou no primeiro grupo que alcançou o Rio Bug, entre o território tomado pelos alemães e o ocupado pelos russos, na manhã de 4 de dezembro. Dos dois mil homens judeus que saíram de Chełm talvez tenham sobrevivido cerca de 200! Nem mesmo David soube como sobreviveu. Com muito esforço conseguiu cruzar o rio e foi preso por ucranianos e entregue a uma patrulha russa. Foi levado para a temida NKVD, a polícia secreta russa responsável pela eliminação da dissidência política durante o regime de Stalin.

Na manhã seguinte, viu mais de uma centena de pessoas na mesma condição. Ao ter seu nome chamado Lorber, Dawid Szyjavich, aproximou-se dele um homem que

lhe perguntou se era parente de Heshl Lorber. Surpreso, David respondeu que era um tio. Ao saber quem era o jovem, o homem conseguiu liberá-lo, e David seguiu para Luboml, onde já estivera, e trabalhou novamente em padarias para ganhar o seu pão. Lá soube do destino cruel da família que tentara salvar: a mãe e os irmãos tinham sido assassinados.

Em 1940, resolveu ir para Kowel. Tentou viajar de trem, mas foi retirado porque não tinha passagem e nem dinheiro para comprá-la. Por sorte, desceu em Macejów, onde estudara na *yeshivá**. Soube que seu irmão mais velho, Abraham, estava vivo e se encontrava em Lutsk, com alguns parentes, e partiu para lá. Após duas semanas, chegou ali o tio Moisés Lorber, vindo de Włodawa, Polônia, já tomada pelos alemães. O tio conseguira fugir de Chełm e escapar da Marcha da Morte. Ficaram juntos, e Dudy fazia um pouco de tudo, catava papel e até ossos para vender para sobreviver.

A vida no gulag

Logo começou o registro de quem quisesse retornar à Polônia e quem desejasse o passaporte interno russo, que permitiria viver próximo à fronteira. David e o tio não se registraram. De repente, a polícia política – NKVD^A – levou todo mundo. Levaram o tio quando David não estava em casa. Quando soube, apresentou-se para que ficassem juntos. Foram encarcerados com os demais judeus poloneses e despachados de trem para campos de trabalho forçado no interior da Rússia. Os vagões eram destinados ao transporte de gado: não havia janelas; em vez de bancos, um monte

A- NKVD – Sigla em russo de *Narodnyy komissariat vnutrennikh del* – Comissariado do Povo para Assuntos Internos. Polícia secreta russa, responsável pela eliminação da dissidência política durante o regime de Stalin. Conhecida como instrumento de terror, utilizava a tortura, realizava execuções extrajudiciais e deportações em massa para regiões inóspitas. Administrava o sistema de *gulags*, espionava e cometia assassinatos no exterior. Perseguiu o judaísmo, a igreja ortodoxa russa, os católicos gregos e outras religiões, e se tornou o pilar da ditadura stalinista, atuando contra a população em geral, a *intelligentsia*, o partido, o Exército e o próprio governo.

de palha era usado como assento e cama; um barril fazia as vezes de banheiro para cerca de 60 pessoas confinadas em cada vagão.

Passaram por diversos lugares, e mais gente entrava no trem, até que chegaram aos Urais. A viagem levou quatro semanas, e quase não tinham água para beber e recebiam 200 gramas de pão, e, muitas vezes, precisavam aguardar de três a quatro dias para receber o escasso alimento. Nas estações, não podiam sair. Famintos e imundos, muitos quiseram se matar, mas a fome e o tifo acabaram com muitas vidas. David e o tio escaparam da morte e, ao chegarem aos Urais, e foram levados de barco para Perm – uma prisão a céu aberto, porque não havia como fugir daquele lugar inóspito. Ambos foram registrados para trabalhar. Todas as manhãs, bem cedo, iam cortar árvores. Eram mais de dez quilômetros para ir e voltar, 12 horas de trabalho diário pesado, sem direito a descanso.

Sem sapatos e forçado à caminhada diária, David tirava a casca de árvores e fazia um trançado, uma espécie de sapato que pudesse calçar. Enrolava trapos nos pés e amarrava tudo com um cordão feito da casca da árvore. Quando o frio apertou, recebeu uma veste com três camadas, insuficiente para aquecer o corpo numa temperatura de 55 graus abaixo de zero. Houve mortes por frio e fome porque os prisioneiros não tinham o que comer para suportar temperaturas tão baixas.

Aqueles que não comparecessem ao trabalho eram presos e julgados, sem direito à defesa. Precisavam cumprir a norma de árvores cortadas para ganhar 400 gramas de pão e uma de sopa rala para um dia inteiro, mas o pão era cru, feito com mais água e menos trigo.

Quem não trabalha não come, foi dessa maneira que David viveu por 14 meses. A situação persistiu até a invasão da União Soviética pela Alemanha, em 22 de junho de 1941, início da guerra entre os dois países. Nos Urais, só souberam quase um mês depois. De novo, levaram o tio para um lugar desconhecido.

Durante a ditadura de Josef Stalin, os judeus que chegavam à Rússia no período da Segunda Guerra Mundial eram vigiados de perto pelo governo. Quando a guerra estourou, David foi levado de madrugada pela NKVD porque tinha muito conhecimento político. O interrogatório foi com as janelas cobertas e queriam saber o que ele falara contra o país. Fora denunciado por entender um pouco de política. Precisou assinar uma declaração ou

pegaria cinco anos de cadeia sem julgamento. Era perigoso falar sobre política. Isso era um pretexto para matá-lo.

Embora estivesse no coração da Rússia, é possível que David não soubesse que o campo de trabalho passou a ser conhecido como *gulag*,^A para onde foi levado acusado pelos seguintes crimes: ser judeu, polonês e refugiado. Se soubessem que era simpatizante do *Bund*, estaria definitivamente perdido.

A Rússia pedira à Inglaterra um pacto contra a Alemanha. Antes da assinatura, o governo polonês no exílio, sediado em Londres e sob o comando do general Sikorski, exigiu que seus cidadãos prisioneiros fossem libertados. Com a concordância, o acordo foi assinado, porém demorou cerca de oito meses para a libertação. Nesse período, David foi levado para mais longe e passou a receber apenas 200 gramas de pão. Como não aguentava de fome, comeu urtiga para sobreviver: cozinhava-a para tirar a ardência com o cuidado de não a tocar com as mãos descobertas. Quando encontrava cascas de batata, era muita sorte e, para descobrir uma ou duas batatas na terra, precisava escavar muito, existindo o perigo de os guardas o castigarem.

Livre, mas sem liberdade

Antes de ser liberado, foi levado outra vez pela NKVD, com a desculpa de que já sabia da guerra e que lutaria contra o Exército Vermelho, ajudando os alemães. David assegurou que os alemães eram os maiores inimigos. Finalmente, recebeu um papel informando que estava livre. Tentaram convencê-lo a ficar, mas ele partiu para Kuybyshev, uma província russa, onde ficou até o início de 1946.

A- O *gulag* foi usado por Stalin para reprimir dissidentes e castigar os “inimigos do povo e do Estado”. As condições de vida eram terríveis, e os campos ficavam em locais inóspitos da União Soviética, com o inverno eterno. Os prisioneiros estavam sujeitos a infindáveis horas de trabalho, para exauri-los ao máximo, e a diversos castigos brutais. Era uma forma de condená-los à morte sem lhes dar o tiro de misericórdia. Os presos eram cidadãos russos, refugiados, fugitivos da lei, políticos, empresários e intelectuais. O trabalho que faziam não tinha qualquer sentido ou utilidade prática: passavam o dia cavando trincheiras para fechá-las com a mesma terra ou levando pedras de um lado para o outro para depois recolocá-las no local inicial. O dia começava às 3 horas da manhã e os prisioneiros caminhavam quilômetros e trabalhavam mais de 12 horas. Com a temperatura negativa, o corpo congelava e foi o que aconteceu a David que sofreu por anos por esse motivo. Se sobrevivessem à fome, às doenças, às condições severas e ao trabalho pesado, ainda estavam sujeitos a sucumbir à violência arbitrária dos guardas, já que eram vigiados por informantes que denunciavam qualquer palavra ou intenção que considerassem suspeita. Quem se atrasasse para o trabalho três vezes era mandado a um *gulag*, por três anos. Os famintos que se atrevessem a procurar em solo já colhido algumas batatas perdidas e apodrecidas teriam dez anos de condenação. Ao descumprirem a cota diária, recebiam menos comida e morriam lentamente de fome.

David Lorber Rolnik

Estava mais livre, o trabalho, porém, continuava pesado e não podia falar. Sua tarefa era colocar troncos em vagões e trabalhava quase 15 horas diárias. Agora em “liberdade”, ao cumprir a norma, recebia 400 gramas de pão por dia, 400 gramas de carne ou peixe e 200 gramas de açúcar por mês, e também pagamento, cerca de 100 rublos, mas era preciso entregar 25% ao governo.

David continuava sem sapatos, com trapos e cascas de árvore amarrados nos pés. Com o frio intenso, recusou-se a trabalhar. Mais 17 homens também se recusaram e foram todos a julgamento, sem defesa, pelo “crime” de não comparecer ao serviço. Um “juiz” perguntou-lhe qual era o motivo para não trabalhar. Sua resposta foi a de que era cidadão polonês e que não tinha condições físicas para trabalhar com 55 graus abaixo de zero. Foi sentenciado na hora. Todos foram considerados culpados e levados a uma cela escura, imunda, sem camas, onde já havia outros condenados.

Na prisão, David contou com a ajuda do pai, o Sr. Szyja, que descobriu sobre o filho e lhe enviava dinheiro para comprar comida. Foi ali que contraiu escorbuto, por falta de vitamina C, e perdeu parte dos dentes. O mal poderia agravar-se e até tê-lo matado. O pai estava em



Szyja Rolnik, pai de David Lorber Rolnik, s. d.
Fotógrafo não identificado.
Acervo: Lorber Rolnik/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Vilnius, fugira antes de os alemães entrarem em Chełm e acreditava que seria mais fácil ir para os Estados Unidos e depois tirar a família da Polônia. Infelizmente, isso não aconteceu. David só soube mais tarde que o pai se salvara, porém nunca mais o viu.

Os presos precisavam formar filas para a chamada por número. Ninguém podia dar um passo à frente, para trás ou para os lados porque era considerado fuga e os guardas atiravam para matar. Depois, carregavam pedras de um lugar para o outro, num frio congelante.

Quando tiraram os russos do campo, os refugiados foram obrigados a trabalhar 20

horas diárias. Souberam na Sibéria que os alemães tinham perdido a batalha de Stalingrado, quando um alto-falante repassou as notícias e também os discursos de Stalin.

De novo, David foi delatado e por um homem da sua cidade por pertencer ao *Bund*, partido socialista inimigo dos comunistas. Sua vida corria perigo e ele ingressou na *Komsomol* – a Mocidade Comunista – e passou a ler para os jovens os discursos de Stalin. Fez isso para se salvar.

No dia 8 de maio 1945, terminou a guerra na Europa. David ainda não podia deixar a Rússia, precisava aguardar uma ordem. Quando esta chegou, permitia somente que os cidadãos poloneses saíssem, quem tivesse o passaporte russo não podia voltar. Dos poloneses, no entanto, exigiram documentos que não existiam. A favor de ele, contava o fato de pertencer à *Komsomol* e também uma declaração de que integrava a ala juvenil do Partido Comunista. Recebeu a autorização de saída, entretanto tentaram dissuadi-lo, propondo que trabalhasse no partido, o que ele rejeitou e lhe deram outro documento, para o caso de ele mudar de ideia.

O retorno

David seguiu adiante, numa viagem de trem de duas semanas. Em 1946, entre janeiro ou fevereiro, conseguiu chegar à Polônia e, na passagem da fronteira, foi chamado por um agente da polícia para saber o que faria e precisou entregar o documento do partido. Mesmo sem saber para onde ir, decidiu cruzar a fronteira, porque na Rússia vivera o inferno e a morte estaria rondando-o se tivesse permanecido.

Entrou na Polônia pela cidade de Przemyśl, um lugar que lhe era desconhecido. Estava só, sem família, sem rumo e desconhecia os perigos que o cercavam. Os primeiros dias foram de incerteza, luta pela sobrevivência e busca do pão diário. Decidiu não ficar ali e rumou para Cracóvia. Arriscou-se bastante, pois o retorno dos judeus à Polônia, após a guerra, desencadeou vários atos de violência contra eles. Na estação ferroviária, viu pessoas de vários movimentos judaicos recebendo sobreviventes, que eram na sua maioria jovens egressos das profundezas da Rússia, Retornavam para procurar desesperadamente notícias de suas famílias e de possíveis sobreviventes.

Ainda que partidário do *Bund*, David optou por um *kibutz* em Cracóvia, pois, sem lugar para ficar, desconhecia se haveria e de onde viria sua próxima refeição. Mas desejava muito voltar a Chełm, precisava saber da família e quem sobrevivera. Certa manhã, cruzou com um conhecido e lhe perguntou se gostaria de juntar-se a ele e ir a Chełm. Chegaram à cidade de madrugada, eram dois vultos caminhando sob a luz das estrelas em busca de fragmentos de vidas, de famílias despedaçadas... O mesmo trajeto que ele percorreria anos mais tarde, quando outra vez decidiu retornar e com o mesmo objetivo: reencontrar no passado os vestígios de sua grande família.

Passaram pelo sobrado onde Dudy nasceu. Quem estaria morando lá? Quando os judeus foram levados para o gueto, suas casas e propriedades foram confiscadas pelos nazistas e passaram a abrigar comandos alemães e poloneses. Mais tarde, foram incorporadas pelos comunistas. Alcançaram a praça do mercado e descobriram a existência de um comitê de sobreviventes. Dudy soube do destino da família: mãe, irmãos e irmãs, vários tios, primos e tantos outros familiares estavam todos desaparecidos. Alguns tinham sido levados a campos de extermínio e covardemente assassinados. Outros desapareceram nas florestas sem deixar qualquer rastro. Estava sozinho, tinha, porém, um fio de esperança que alguém tivesse sobrevivido e estivesse tentando voltar a Chełm. Ao se integrar ao comitê, foi encarregado da hospedagem para os que vinham buscar notícias das famílias. Também respondia a cartas de diversos países com pedidos com notícias de parentes. Permaneceu lá durante vários meses, reencontrou amigos, mas nenhum parente.

Certa ocasião, entrou no comitê um militar polonês gritando para que devolvessem a criança e ameaçou a todos. Como sabiam do violento *pogrom* em Kielce, tinham medo que esse movimento ocorresse, porque isso era um pretexto para incitar a população contra os judeus, decidiram queixar-se ao comandante do Exército. O tal militar foi reconhecido, e o comandante esbofeteou-o e, ao arrancar sua insígnia, bradou: “Aqui não será Kielce!”.

David estava no comitê quando Leibl e Jacob, irmãos de sua amiga Malka, chegaram a Chełm à procura de familiares. Ficou sabendo que ela sobrevivera e que morava em Szczecin. Ao ser convidado, tomou a decisão de rever a moça.

Viajou com um amigo, e, quando o trem se aproximou de Lublin, de repente, surgiu um sujeito com uma farda estranha e lhes pediu os documentos. David pôs a mão no bolso e

tirou um pedaço de jornal em iídiche que guardara com o endereço de parentes. O indivíduo notou o impresso e os intimidou. Quando o trem parou na estação, o homem ordenou que descessem, apontando uma arma para que seguissem à direita, para um matagal. Foi o amigo quem os salvou porque sabia que à esquerda ficava a polícia. Em iídiche, causaram um tumulto e saíram correndo até alcançarem o saguão da estação. O estranho perseguiu-os e disparou um tiro que passou de raspão pela face de David. Os rapazes avisaram a polícia e os agentes vistoriaram todo o local e o trem, mas o homem tinha desaparecido. A viagem seguiu e os jovens ficaram mais atentos porque o estranho ainda poderia estar no trem.

Ao chegar a Szczecin, David encontrou Jacob e Leibl, irmãos de Malka. E foi vê-la. A jovem mantinha a beleza suave, os traços delicados e a mesma meiguice que o tinham conquistado. Seu rosto não guardava sinais das agruras pelas quais ela tinha passado na Rússia. Tímida, ficou feliz ao reencontrar o amigo dos tempos de infância e juventude e passaram a se entender melhor.

David decidiu, então, que era hora de ter sua própria família, e o compromisso foi selado. Mas Jacob percebeu o rumo dos acontecimentos políticos e achou que era melhor sair da Polônia, levando todos os seus para a Alemanha, para a zona americana. Após o noivado, Malka e seus familiares partiram. Embora insistissem, David não os acompanhou. Ela, dividida, optou por seguir a família.

Rumo à Alemanha

David permaneceu mais alguns meses em Szczecin e decidiu fugir também. Tomou consciência de que corria o risco de ser denunciado. Sua fuga foi organizada e com um grupo partiu pelo Rio Oder, navegando por pouco tempo até que o barco parou.

Ao procurarem o responsável, descobriram que a embarcação fora abandonada e que estava à deriva em águas russas. Então, subiu a bordo a patrulha soviética. Receoso de ser enviado à Sibéria, David teve uma ideia salvadora, sabia que se podiam “comprar” os russos com relógios. Vários fugitivos foram convencidos a dá-los para poupar suas vidas. A tática deu certo, e ainda foram conduzidos até a fronteira e seguiram para Spandau, onde caminhões cobertos os aguardavam para cruzar a zona soviética e alcançar Berlim, na zona americana, sem serem vistoriados.

David Lorber Rolnik



David Lorber Rolnik aos 26/27 anos, Berlim, Alemanha. Fotografia não identificado. Acervo: Lorber Rolnik/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Nas zonas americana e inglesa, havia acampamentos de refugiados, os *DP Lagers*, espaços de transição para uma nova vida. David chegou a Berlim-Tempelhof, o mesmo campo onde Malka estava, e passou a atuar como policial. E não foi difícil reencontrá-la. O destino deles estava traçado...

Para a sua alegria, ele encontrou também alguns sobreviventes da sua grande família no mesmo campo: o irmão Abraham, sua esposa e um filho; David não estava mais só e decidiu que era hora de se casar, pois não desejava que o destino tornasse a separá-lo de Malka.

A cerimônia aconteceu em 4 de dezembro de 1946, no próprio campo de refugiados de Tempelhof, uma cerimônia simples, mas como manda a religião. O pódio nupcial foi improvisado, porque havia outros casamentos, e Malka nem vestido de noiva tinha, porém estava linda, radiante e feliz. Afinal, tinham conseguido sobreviver à guerra, superado inúmeras aflições e agora iniciavam uma nova vida.



Malka e David recém-casados, em Berlim, na Alemanha, c. 1946/1947. Fotografia não identificado. Acervo: Lorber Rolnik/SP; Arqshoah-Leer/USP.

Vozes do Holocausto

Em 1948, David ainda trabalhava como policial e se arranjava como podia, quando ocorreu o bloqueio russo aos Aliados e que durou quase um ano. Os refugiados foram transferidos para outros campos na zona americana. O casal foi levado para Deggendorf e depois para Lechfeld até viajar para a Bolívia, onde viveu 14 meses entre alguns sustos e revoluções até a decisão de viajar para o Brasil.

Naquela época, o Bom Retiro era o bairro da cidade de S. Paulo onde se estabeleciam as famílias de origem judaica. Vinham em busca de segurança, liberdade e melhores condições de vida, no entanto a terra lhes era estranha e desconhecida, e o idioma nada familiar. Quando David e Malka chegaram, estavam decididos que esse lugar seria seu lar, que aqui criariam seus filhos.



Malka (Milchtajch) e David Lorber Rolnik, com os filhos Szyja, José e Blima, em S. Paulo, c. 1959/início da década de 1960. Fotografia não identificado.

Acervo: Lorber Rolnik/SP; Arqshoah-Leer/USP.

David Lorber Rolnik

David Lorber Rolnik faleceu em S. Paulo, em 17 de junho de 2008. Ficaram as lembranças do homem carinhoso e amigo, um pai que conduziu, juntamente com a mãe, seus filhos pelos caminhos da vida e da fé, que lhes legou um amor infinito e que nunca poupou esforços para criá-los e educá-los. Ele nutria uma afeição muito especial por sua cidade natal. Sentia-se em casa quando para lá viajava, embora não mais tivesse encontrado vestígios do passado, a não ser, enigmaticamente, o sobrado em que nascera e a edificação da sinagoga. Esses eram os locais aos quais intrinsecamente sempre esteve ligado – um, pela família, e o outro, pela religião – e que, por isso mesmo, emocionavam-no quando mencionados. Assim como ele, permaneceram de pé, marcando uma relação transcendental entre eles por toda a vida.